



Gabinete do Arcebispo Primaz

DISCURSO

Ref. DSC_11/2017

Discurso na abertura solene dos Seminários

Braga, 19.Nov.2017, 17h

Abertura dos seminários

Com esta Sessão Solene, encerramos uma semana onde as comunidades paroquiais recordam, nas suas diversas iniciativas pastorais, os seminários. É uma oportunidade única para falar sobre a beleza da vocação sacerdotal, bem como da identidade do presbítero necessária para os tempos de hoje.

O presbítero vive e procura uma relação de contínua proximidade com o seu Mestre, Jesus Cristo. Este foi, como nos recordamos, o conselho de Maria: fazei o que Ele vos disser. Nada mais natural e espontâneo. No seminário caminha-se neste horizonte existencial, não procurando pura e simplesmente orientações pedagógicas típicas de uma escola. Ele é o Mestre que comunica vida e que faz emergir o melhor de nós mesmos, ou seja, a singularidade com que Deus criou cada um de nós para o bem do Seu Reino. Importa aprender e progredir na arte de entrar em sintonia com Jesus, de ouvir a Sua voz e discernir, sem receios, a Sua vontade. Quando realço a “Sua” vontade não quero com isso dizer que somos simples executores da vontade de outro. Seria uma visão e uma vida muito pobre. A vontade de Deus é a tradução da nossa mais profunda vontade. Em nada somos violentados e em nada perdemos a nossa identidade.

Com esta fisionomia e com este horizonte, tornamo-nos, no mundo e para o mundo, sinal da misericórdia e da esperança divina. Nem sempre a esperança habita a vida das pessoas. Os dramas são muitos. Olho, de modo particular, para o drama da pobreza. Como é possível que numa sociedade evoluída e próspera persista o drama da pobreza e não se unam vontades para acabar com este escândalo? Isto é verdade em países subdesenvolvidos mas também entre nós. As franjas da carência do essencial são variadas e transformam o rosto das nossas cidades e aldeias. A pobreza mora ao lado nosso e não nos damos conta.

Por feliz coincidência celebramos hoje o I Dia Mundial dos Pobres. Iniciativa do Papa Francisco que, não obstante ser celebrada pela primeira vez, ninguém duvida da sua pertinência.

Este verão tive a oportunidade de passar um dia na comunidade de Bose. O Prior desta comunidade, Enzo Bianchi, em conversa fraterna recordava a necessidade de acolher a pobreza “compreendida e incarnada como escolha para renunciar qualquer forma de poder sobre os outros e como escolha para nos conformarmos sempre mais com a vida de Jesus narrada nos evangelhos”. Dizia que hoje a pobreza “deveria ser uma escolha não só para os indivíduos mas também para a comunidade eclesial e para a instituição Igreja, que é o Corpo de Cristo na história”.



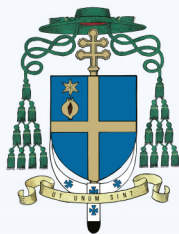
Pobreza como opção consciente pelo estilo de vida de Cristo, que foi pobre de bens, é um objectivo a assumir por cada um mas também pelas instituições. A Igreja seria, deste modo, uma igreja pobre, dos pobres e para os pobres. Na linguagem do Papa Francisco, a Igreja deve ser pobre, habitar as “periferias humanas” e emprestar aos pobres “a voz nas suas causas, tornando-se uma práxis e um estilo eclesial que nasça de um acolhimento obediente do Evangelho”. Seria insensato optar por uma estilo espiritualista, desencarnado e atemporal. À luz da revelação bíblica, a Igreja é chamada, como um inequívoco sinal dos tempos, a compreender e a assumir a condição histórica de muitos homens do nosso tempo. Nunca poderemos esquecer que Cristo iniciou o Reino evangelizando os pobres. Foram os primeiros e directos destinatários da história da salvação. Os discípulos devem ser sacramento de Cristo pobre. A pobreza é uma necessidade para se viver em “diaconia”, isto é, servir como o mais pequeno e servo de todos, ser enviado aos pequenos, aos humildes, aos pobres, àqueles a quem se dá sem nada esperar em recompensa (Lc 6,34).

A pobreza não é um simples meio para uma ascese pessoal mas antes o chamamento a uma conversão permanente, procurando uma configuração a Cristo que se fez pobre para enriquecer os homens. Diz o Santo Padre que “exigências de justiça e de amor fraterno obrigam o cristão a trabalhar e a lutar pela salvação integral do homem, impelem a comprometer-se com a eliminação da miséria material e moral que impedem o homem de viver como homem. Mas continua sempre a exigência de uma vida de pobreza entendida como reconhecimento e atuação da hierarquia dos valores pela qual o homem se limita ao uso dos bens económicos naquilo que é necessário, tudo valorizado com o espírito de sinceridade e de liberdade”.

Pobreza quer dizer “saber contentar-se”. Pobreza quer ainda dizer não colocar a esperança nos bens. Eles, mesmo sendo necessários para viver, não são um instrumento para realizar valores mais altos e mais dignos dos homens. A esperança não se esgota no bem-estar como fim supremo da vida mas sabe reconhecer que a nossa verdadeira riqueza é Cristo e os irmãos. Já S. Maximino afirmava que na Igreja entende-se por rico aquele que é “rico em Cristo” e, como consequência, faz com que não existam necessitados, pois todos são animados por um sincero amor para os irmãos, como acontecia nas comunidades primitivas.

Esta pobreza exige luta contra os desejos internos, tais como a avidez de possuir e de enriquecer com comodidades e com uma vida fácil, a mania inconsciente de se apresentar com riquezas e luxos. Todos estes intuitos são continuamente acordados e estimulados pelo tipo de civilização em que vivemos. Ela cria necessidades fictícias e motivadas apenas pelo critério do ser como todas as outras.

Quando nasce de uma opção pessoal e renúncia voluntária, a pobreza alia-se à caridade e suscita um espírito de solidariedade para com os irmãos, de modo muito especial para com os mais necessitados. Seria bom que pudéssemos contribuir, na medida do possível, para uma sociedade mais justa e para uma realidade onde todos os homens são respeitados como criaturas e filhos de Deus (cf. 2Cor 8, 13-15). O espírito de pobreza induz o cristão a escolhas de vida que o aproximam dos irmãos mais pobres. Perto dos pobres, o cristão ajuda e sente-se chamado a denunciar profeticamente as injustiças de uma sociedade que permite que minorias privilegiadas usem e abusem do poder e gozem de uma elevada percentagem de bens económicos e, ao mesmo tempo, impede que a maioria tenha as condições indispensáveis para uma existência digna.



Num período em que o Estado promete elaborar estratégias para responder aos problemas dos sem abrigo, gostaria de anunciar que a Arquidiocese, através de uma associação que está a ganhar consistência, irá dar vida ao chamamos Pão de Lázaro, para oferecer pequenos almoços a quem necessita. Vendo a realidade da cidade, verificamos que esta é uma carência. Temos a Caritas e outras instituições a fornecerem almoços e jantares. Com esta iniciativa, a situar-se numa dependência da Igreja dos Terceiros, que por causa das obras nesta igreja apenas poderá iniciar nos inícios do próximo ano pastoral, queremos marcar este I Dia Mundial do Pobre. É mais um serviço da Arquidiocese de Braga a quem precisa.

É neste grave e desafiante contexto cultural que nós, enquanto Igreja, estamos inseridos. E é precisamente para ele que, os seminaristas aqui presentes, se deverão preparar. Não ter consciência desta realidade, ou viver como se ela não existisse, seria um grave erro e uma afronta a quem espera do sacerdote uma vida simples, honesta e pobre.

Relembro a feliz coincidência com o I Dia Mundial dos Pobres. Creio que ele é inspirador e até profético. Peço e rezo, por isso, que todos nós, seminaristas e clérigos, nos façamos pobres com os pobres e ricos com a misericórdia de Deus.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*